

Como citar esse vídeo: CABRAL FILHO, J. S. Representar e os escritos de Flusser. **V!RUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=8&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.



REPRESENTAR E OS ESCRITOS DE FLUSSER

Prof. Dr. José dos Santos Cabral Filho

José dos Santos Cabral Filho é Doutor em Arquitetura, pesquisador e Professor Adjunto na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o Laboratório Lagear e atua na intersecção entre as áreas de arquitetura, arte e tecnologias digitais.

Convidamos o Prof. Dr. José dos Santos Cabral Filho para discorrer sobre a noção de Re:pre:sentar tendo como principal referência os escritos do filósofo Vilém Flusser. Publicamos aqui um vídeo com trechos de seu depoimento à V!RUS 08 e sua transcrição, com o objetivo de ampliar o entendimento do assunto e inspirar novas compreensões fundamentadas nessas reflexões.

JOSÉ CABRAL: Hoje a gente faz uma crítica grande do excesso de representação que temos na cultura da gente, mas é que a capacidade de representar foi fundamental na evolução humana mesmo, enquanto animal humano, essa capacidade de criar um modelo interno e ser capaz de agir no mundo de acordo com esse modelo. Isso foi um marco grande na criação do *homo-sapiens*, ou seja lá o que for. Mas, aí, eu fico vendo que, de repente, a gente entra em um momento que tem uma crítica grande da representação, em todas as áreas, tanto na representação gráfica, representação política, todas as formas de representação.

De repente, elas começam a sofrer ataques por essa incapacidade da representação existir totalmente. É um limite a que a gente chega, mas eu acho que é mais por um excesso da representação do que pelo sentido que o Flusser coloca, da representação que vem substituir o objeto representado. De repente, a representação vira mais um véu do que uma janela para aquilo que se está mostrando.

Eu fico pensando muito na questão da representação hoje, na questão do modelamento, que permite modelar, é claro, mas que permite a gente parametrizar e, assim, você tem modelos parametrizados, tem modelos que você visualiza dinamicamente, e modelos que incluem a dinâmica, o tempo, e isso altera. Para mim, muda radicalmente. Então, a gente pode falar de uma forma antiga de representar e de uma forma nova de representar, que é essa forma que temos hoje com, basicamente, a inclusão do tempo de vários caminhos diferentes. Isso viabiliza tanto a ideia de emergência quanto viabiliza a aceleração do ato de representar.

Essa aceleração traz uma novidade que é a possibilidade de emergência de coisas não previstas, quanto no teste, na simulação de processos. Você consegue, pela primeira vez, representar processos. E o mais assustador é que não é nem representar no sentido de tornar presente alguma coisa que existiu, mas de prever essa perspectiva mais prospectiva da representação. Ou seja, você passa a simular. Simular processos, não formas apenas, mas procedimentos e processos.

Aí, chega-se um ponto em que vejo que se está hoje, o de achar que a representação dá conta de tudo - a representação digital, computadorizada.

Claro que, como um bom mineiro desconfiado, vou logo perguntar: o que é que não é possível representar? Qual é o limite da representação? O que, no objeto, não se entrega à representação? O que, no mundo, não se entrega, não se dá à representação?

Vamos pensar: textura, peso, você consegue simular, representar, e se esbarra naquele ponto, você consegue incluir o tempo, mas não consegue incluir a inexorabilidade da vida real. O aspecto do mundo concreto, do mundo existencial, que é o inexorável, isso não se entrega à representação. E acho, também, que esse vai ser o limite da representação.

O (filósofo Vilém) Flusser tem esse esqueminha que eu acho bacana, que é um esquema teórico, mais poético do que científico. Ou seja, ele não coincide com a verdade, mas abre caminho para a verdade, onde ele constrói essa ideia de um caminho cada vez maior na abstração, na História da humanidade.

Ele fantasia um pouco, com cara de historicismo, o primeiro desenho do cavalo, no sul da França. O homem que vai, então, desenhar um cavalo e ele adquire uma distância do cavalo. Ele tem que dar um passo para estar a uma distância do cavalo e desenhá-lo. E então ele faz um primeiro rabisco na tentativa de entender o cavalo.

Só que, quando faz o desenho do cavalo, o desenho passa a ser mais interessante e ele passa a olhar para o desenho e não mais para o cavalo. Assim, cai nesse culto à imagem, ou seja, a imagem ganha uma presença mais forte, ganha uma autosuficiência, vamos dizer assim.

Ele fala que, depois, a gente dá outro passo e, de repente, a imagem, somente, não explica mais o mundo, como a gente também não consegue, ao olhar para a imagem. A imagem não satisfaz mais. A gente dá um passo atrás e inventa, então, a escrita.

Ele faz uma descrição lindinha, poética também, da escrita como derivada do desenho. Que o desenho quebra e se abre, que ele vai formá-la. Parece que é histórica essa coisa toda da Mesopotâmia, em que a escrita vem para explicar a imagem.

Só que aí, então, a escrita também adquire esse excesso. A gente sai do culto à imagem e passa para o culto do texto - que ele fala que é o texto científico, que nós da academia produzimos. É aquele texto que já não descreve mais o mundo, é insuficiente, e aí a gente dá outro passo atrás na abstração e cria a imagem digital.

É uma sequência de passos, de abstração, de distanciamento da realidade para tentar entendê-la. Com a imagem digital, que é fruto do texto. Isso fica claro quando a gente recebe uma imagem truncada na qual o que era foto vira um monte de caracteres alfanuméricos. Então, de repente, a gente cria essa imagem digital. Ele [W. Flusser] nem fala digital: ele, primeiro, vai falar da fotografia mesmo. É uma tentativa de explicar, de ilustrar o texto. E, aí chega-se à imagem digital de que ele fala assim: é a abstração total, caminhando em direção à dimensão zero. Aí ele diz que, na verdade, não é o fim do mundo, mas, pelo contrário, abre um mundo de possibilidades, porque você está na ausência total de valores e, teoricamente, de dimensões. Seria um espaço de abertura para o surgimento de um novo homem.

Essa coisa do Flusser eu acho bacana para pensar esse passo. É um esqueminha bonitinho, de uma série de passos atrás, em direção ao desconhecido, por que você está de costas, olhando para a realidade, para o cavalo. Você dá um passo atrás para conseguir olhar o cavalo melhor, desenha, o desenho vira um véu e encobre o cavalo. Você dá um passo atrás em direção ao desconhecido de novo, você está olhando para o desenho. Aí, você cria o texto e, de novo, passo atrás, a gente vai em direção ao desconhecido, assim, a esse ponto último que a gente está: essa tecnologia baseada em zeros e uns, adimensionais, não dimensionais.

A gente não sabe aonde é que se chega.

O que eu sinto é que, nos anos [19]90, quando se discutia muito a questão da realidade virtual, havia um pouco essa fantasia de que a gente ia conseguir representar tudo: todas as sensações, todos os cheiros, todas as emoções... e ainda há essa ideia.

Eu acho que tem, aí, outro problema grave, que é o de entender o mundo como um repositório de dados que eu consigo mapear e, se eu consigo mapear, eu consigo representar. Então o mundo é algo dado que eu consigo abordar e se, portanto, eu consigo abordar, se eu consigo mapear, eu consigo jogar esse mapeamento em uma máquina qualquer, em uma

máquina que começa lá com a construção da perspectiva na Renascença e chega ao computador. Uma máquina que mapea esse mundo e que, portanto, eu poderia agir no mundo da forma mais abrangente possível, com uma potência total, porque eu tenho essa representação fidedigna do mundo.

Grande ilusão. Antes fosse assim, né? Grande ilusão, porque o mundo chega a um ponto em que ele não se entrega, mesmo. Todos os filósofos vão colocar isso. Tem um ponto em que a gente não consegue conhecer o mundo. E, para mim, esse ponto onde fica mais explícito mesmo, é essa incapacidade de abarcar aquilo que é inexorável... O que o Prigogine diz da irreversibilidade do tempo, ou alguma coisa assim. Esse ponto é que é o desafio. Como é que a gente faz? Nessa representação total do mundo, esse aí a gente não conseguiria incluir.

Tem uns cientistas linha dura que acreditam que, sim, é questão de tempo, que é questão de aumento da memória do processamento dos computadores, mas, obviamente, que não.

O [ciberneticista Ranulf] Glanville tem uma colocação que eu também acho interessante. Ele fala de uma questão que, de alguma forma, está conectada a essa idéia do representar. É a ideia de que eu aprendo a teoria, eu sei a teoria e, através do seu aprendizado, eu posso aplicar a teoria no mundo e, aí, eu vou agir melhor. É um pouco o que a gente vê por trás da ideia de re-presentar. No mundo é essa coisa, né? A teoria com essa admiração de algo externo.

Ele [R. Glanville] diz isso mas a nossa nossa experiência enquanto ser humano diz o contrário. Porque o começo da vida da gente, do bebê, é exatamente o contrário disso tudo. O bebê não aprende uma teoria em ordem, de forma a agir. Ele age para poder aprender através da ação. Então é uma inversão, e a gente cresce e acha que é o contrário: fica tentando compreender, tentando representar, para poder atuar. Sendo que a gente se fez através de uma atuação, que te leva a construir modelos, mas é a atuação que te permite construir, crescer e aprender.

Eu acho bom lembrar dessa base porque parece impossível quando se tenta questionar um pouquinho essa ideia da teoria e da aplicabilidade da teoria, na prática. Como diz Glanville: essa superioridade da teoria, de que ela vai, portanto, ser aplicada, de que ela tem uma proeminência. Mas a nossa base do aprendizado é o inverso.